



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 19, N° 1 (2025)

ISSN 1688-6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,  
Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

Epistemologías Dissidentes

*Epistemologías Disidentes*

*Dissident Epistemologies*

Renata Lima Aspis<sup>1</sup>  
(<https://orcid.org/0000-0001-6330-8027>)

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.19.1.9>

### Resumo

Um artigo sobre epistemologias dissidentes que se configura ele mesmo como expressão de uma epistemologia dissidente. Escrito por uma pessoa que, já logo de início, afirma não ser uma pessoa, mas que fala como um agenciamento coletivo de enunciação. Epistemologias concebidas como algo inseparável dos corpos que as produzem, portanto, como algo mais complexo que conhecimento intelectual. Dissidentes são os que pensam de outras maneiras e desviam da ideia hegemônica do colonizador europeu de entender o conhecimento como objetivo, neutro, imparcial e universal. As epistemologias dissidentes são parciais, são sempre feitas a partir de uma determinada perspectiva,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG.

não são universais, são subjetivas e políticas, são as vozes das minorias que afirmam outros mundos por vir. Os companheiros nessa viagem são Nietzsche e Deleuze e Guattari e Foucault e outras poetisas geniais.

*Palavras-chave:* corpo, diferença, dissidência, epistemologias, minorias.

### **Resumen**

Un artículo sobre epistemologías disidentes configurándose el mismo como expresión de una epistemología disidente. Escrito por una persona que, desde el inicio, afirma no ser una persona, mas habla como un agenciamiento colectivo de enunciación. Epistemologías concebidas como algo inseparable de los cuerpos que las producen, por lo tanto, como algo más complejo que conocimiento intelectual. Disidentes son los que piensan de otras maneras y desvían la idea hegemónica de colonizador europeo de entender el conocimiento como objetivo, neutro, imparcial y universal. Las epistemologías disidentes son parciales, son siempre hechas a partir de una determinada perspectiva, no son universales, son subjetivas y políticas, son las voces de las minorías que afirman otros mundos por venir. Los compañeros en este viaje son Nietzsche y Deleuze y Guattari y Foucault y otras poetisas geniales.

*Palabras claves:* cuerpo, diferencia, disidencia, epistemologías, minorías.

### **Abstract**

An article on dissident epistemologies that itself stands as a dissident epistemology. Written by a person who, to begin with, declares themselves as not-a-person but rather as someone who speaks as a collective assemblage of enunciation. Epistemologies are conceived as something inseparable from the bodies that produce them, therefore as something more complex than just intellectual knowledge. Dissidents are those who think in other ways and who deviate from the hegemonic idea of the European colonizer of understanding knowledge as, objective, neutral, impartial and universal. Dissident epistemologies are then partial, always made from a certain perspective, non-universal, subjective and political. They are the voices of the minorities that affirm other worlds to come. The companions on this journey are Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault and other genius poets.

*Keywords:* body, difference, dissent, epistemologies, minorities.

Eu vou falar.

Eu vou falar em primeira pessoa, embora, em geral, isso seja considerado pouco científico, mas, afinal, eu estou aqui para falar de epistemologias dissidentes.

Eu vou falar em primeira pessoa, embora eu não seja uma pessoa.

A noção de pessoa foi bastante discutida na tradição católica medieval, onde se buscava saber da substância de uma pessoa e, ora, vejam que pouco surpreendente que se tenha chegado à conclusão de que uma pessoa seria algo que tem alma. E mais tarde afirmou-se que o que torna uma pessoa uma

pessoa é o fato de ela ter um centro, sua consciência, seu «Eu», sua identidade, uma unidade imutável. Não, não, eu não tenho alma, senhorxs. (Ou sim, eu tenho alma, mas aí meu cachorro também tem). Bem, é sobre a mutabilidade e a multiplicidade de um tal «Eu» que eu que quero falar (mas quem é esse eu sem aspas e com letras minúsculas? Uma individualidade de acontecimentos).

«Félix e eu, e muito mais gente como nós, não nos sentimos precisamente como pessoas» (Deleuze, 1992, p. 177). Sim, é disso que se trata: não se sentir precisamente como pessoa. «Temos antes uma individualidade de acontecimentos, o que não é em absoluto uma fórmula ambiciosa, já que as hecceidades podem ser modestas e microscópicas» (p. 177).

O modo como Deleuze e Guattari e também Foucault (e eu) e muito mais gente como eles, concebem uma individualidade, não é como algo que tenha uma identidade, uma essência imutável, uma consciência para se reconhecer, uma razão para chamar de sua.

É preciso que eu fale aqui, juntamente com esses pensadores, da possibilidade de se pensar as individualidades de outra maneira, como um sistema sem centro, que muda de natureza a cada nova conexão. Uma tal subjetividade encontra-se e conecta-se com outros corpos e desconecta-se e é assim que vai se compondo, em movimento constante. Esse eu é um corpo-superficialidade conectiva em movimento, não há um fundo. Não há uma profundidade e isso afirmamos com Nietzsche (2003). Não há uma interioridade onde se possa guardar suas preciosidades, isentando-as de serem ação imanente no mundo, algo do tipo «mas no fundo ele é uma boa pessoa», «no fundo do meu coração». Sem fundo! Nenhuma interioridade que justifique a falta de ação imanente, compondo o mundo, será tolerada. O corpo-árvore, com suas raízes profundas, com a razão como seu centro, desde o século XVII para cá já provou que (todos os homens são racionais, mas apenas os europeus poderão falar e serem ouvidos, todos os homens são racionais, mas apenas os ricos poderão decidir, todos os homens são racionais, mas apenas os brancos serão considerados humanos, todos os homens são racionais, mas só os machos não serão violentados, todos os homens são racionais, mas só os heterocis não morrerão espancados na rua) falhou.

É preciso pensar filosoficamente sobre isso: o que somos? Vamos aceitar sermos assujeitados nessas identidades? «Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos» (Foucault, 1999, p. 239).

É preciso falar sobre corpos sem cabeça, que falam. Que já estão aí e falam. Falam pelo cu (Mombaça 2015), falam por meio do modo como ocupam os espaços e constroem mundos, outros mundos. Corpos que produzem epistemologias do sul, estando geopoliticamente em qualquer lugar, porque são epistemologias a partir do sul do corpo, corpo sem cabeça, sem fôrma preestabelecida. Corpo sem cabeça: membros, entranhas, arrepiar-se e seguir, no movimento de diferenciar-se de si mesma, em turbilhão: epistemologias viscerais. (Bem, talvez não sem cabeça, sem razão, mas um corpo cuja cabeça seja apenas um dos componentes e que nem sempre entra em funcionamento). Epistemologias vitais.

«Os patriarcas brancos nos disseram: —Penso, logo existo||. Mas a mãe negra dentro de cada uma de nós —a poeta— nos sussurra em sonhos: —Sinto, logo posso ser livre||» (Lorde, 2020, p. 109). Audre Lorde está afirmando que a medida da existência é a da liberdade? Liberdade de compor-se a si mesma de maneira mais complexa que apenas restrita ao pensar racional? «[O]s patriarcas brancos nos disseram que somente as ideias eram valiosas» (p. 108), mas nós dizemos que é impossível separar corpo no mundo e os conhecimentos que cria, o corpo cria. (Opa, «nós», quem? O texto começou com a promessa de enunciação em primeira pessoa).

Nós sou eu.

Eu sou nós. Afirmando que sou muitas —posso me chamar de nós— e faço isso em três sentidos. Primeiro devido à mutabilidade e multiplicidade de uma subjetividade, que é algo que não cessa de diferenciar-se de si mesma, é movimento, modo palimpsesto de ir se compondo, modo *crazypatchwork*, modo rizoma, sistema sem núcleo, que muda de natureza a cada novo encontro que o afete. Quem sou eu se «nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa, tudo sempre passará»? (Santos & Motta, 1983). Devir, esse movimento da diferença, que se dá na vida, onde nada é idêntico, é o que se pode afirmar do «ser» das coisas. (Por que ser está entre aspas?). O ser entendido como não-ser, isto é, como algo que não se pode definir de maneira conclusiva, que não se forma, não se reduz a uma unidade. Em segundo lugar, eu afirmo que eu sou nós e nós sou eu, porque a voz de um corpo que pertence a uma minoria e que pretende afirmar-se como tal, ocupando os espaços-tempo de maneira genuína, de forma a resistir aos processos de assujeitamento aos quais foi submetido e/ou inventando outros espaços-tempo, é sempre um «agenciamento coletivo de enunciação» (que é uma noção que Deleuze e Guattari desenvolveram em *Kafka, por uma literatura menor* e muito útil para ser usada aqui). «Passagem do animal individuado à matilha ou à multiplicidade coletiva [...] Não há sujeito, há apenas agenciamentos coletivos de enunciação» (Deleuze & Guattari, 1977, p. 28). Kafka faz uma literatura menor não porque invente uma língua menor, mas pelo modo como usa a língua maior (o alemão de Goethe) e a modifica, desterritorializando-a, ou seja, é uma questão da maneira de ocupar e é isso que cria outros mundos. Quando se fala em criação de outros mundos e outras subjetividades e outras formas de vida, não se trata apenas de estar se jogando em um outro futuro, mas fazendo outras maneiras de viver acontecerem aqui e agora. Nas literaturas menores tudo é político (Deleuze & Guattari, 1977). Na vida humana também, tudo é político, tudo se dá nas relações, na imanência das ações, nas decisões, tudo é questão de tomar posição: com quem e com o que nos agenciamos. Em terceiro lugar, eu sou nós porque uma voz das minorias, que fala em primeira pessoa, num movimento de escrita de si (Foucault, 2017), está colocada em um movimento de reinvenção das subjetividades «em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo» (Rago, 2013, p. 52). Por meio de falar sobre si, suas dores, os processos de subalternização e violência pelos quais passou e passa, se reinventa. «É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo *sujeito*» (Kilomba, 2020, p. 69), assim como a expressão disso, eu acrescentaria.

Então as epistemologias dissidentes são as epistemologias das minorias? Sim, mas não basta ter a pele

negra e/ou ter vagina e/ou desviar do binarismo heterocis, ou outra anormalidade, é necessário que esses corpos entrem na luta não como objetos, mas como sujeitos, como diz Grada Kilomba (2020). Não se trata de falar como um eu objetivado que afirma a própria identidade a partir de seus assujeitamentos, como nos diz Margareth Rago (2013), mas antes, de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo. Chega de sermos objetos de discursos sobre nós, que não são nossos, vamos falar. E exigiremos sermos ouvidas.

O que se chama epistemologia.

O que se chama de epistemologia não pode ser concebido como algo que existe boiando soberanamente em alguma dimensão abstrata universal, objetiva, neutra, porque isso não existe, isso foi um delírio da Modernidade, que muito trabalho deu para ser contestado e para que se concebesse outras maneiras de entender como se dá o conhecimento. O que podemos chamar de epistemologia não é independente do corpo que a produz, a expõe, do corpo que a expressa a partir daquilo que o afeta e a torna modo de pensar e modo de viver.

Epistemologias, as nossas, as dissidentes, não se referem apenas a construções do *logos*. *Logos* como propriamente a instância do humano, que o humaniza. *Logos*, como o lugar do discurso organizado, única dimensão humana capaz de construções que podem levar ao conhecimento verdadeiro, (científico?), que está acima das manifestações afetivas, desejantes e interrogativas dos corpos, apartado destes e da relação entre eles. «Mas eliminar a vontade inteiramente, suspender os afetos todos sem exceção, supondo que o conseguíssemos: como? - não seria *castrar* o intelecto?» (Nietzsche, 2009, p. 101). Nossas epistemologias se referem aos corpos-superficialidade conectiva em movimento, corpos abertos a sentimentos, sensações, percepções, imaginações, que se afeta, e assim epistemologias são concebidas também como *pathos*, aquilo que afeta e que constitui os corpos. E se trata também, ao mesmo tempo, de *ethos*, entendido aqui como as relações desses corpos consigo mesmos e com outros, se compondo nessas relações. As epistemologias dissidentes, desse modo, são produzidas por *logos*, *pathos* e *ethos*, misturados e sem hierarquia, são algo que constitui mundos, na multiplicidade em movimento. «De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um —puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo||» (p. 100). (Todo cérebro tem um cu, lembremos.)

«Não posso separar minha vida da minha poesia. Escrevo minha vida e vivo meu trabalho» (Lorde, 2020, p. 106). Epistemologia não é apenas criação de conhecimento entendido como elaboração intelectual, mas de vida, no sentido de ser movimento de criação de si, de relações com outros, portanto, de mundos. «Sou uma mulher negra poeta lésbica mãe amante professora amiga guerreira, e sou tímida, forte, gorda, generosa, leal e irritável. Se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada» (p. 106). As nossas epistemologias são encarnadas.

*Yonakomysliachtchie*, em russo, os que pensam de outras maneiras.

Dissidentes são «aqueles que pensam de outra maneira» (Foucault, 2008, p. 294). Mas veja que

delicado que é isso, pois, não se trata de pensar coisas diferentes da mesma maneira, mas se trata do esforço em criar outros modos de pensar, outras possibilidades ainda por inventar, de fazer o pensamento funcionar, outros modos de vida. Pensar outras coisas, da mesma maneira não é difícil, fazemos isso constantemente e, muitas vezes, chamamos de —novo||. É fácil pensar coisas diferentes da mesma maneira, seguindo a lógica do «novo» capitalístico, o regurgitado do mercado, «novo modelo», «nova embalagem», «nova fórmula»... o pensamento de Estado, o que está estabelecido, o que é considerado normal, o que se encaixa em todas as normas, nada que nos tire o fôlego, nada que nos ponha inquietas, o que nada ameça.

Em «1227- Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra» (1997), Deleuze e Guattari colocam o problema de se há alguma maneira de subtrair o pensamento ao modelo de Estado. Eles vão dizer que é bastante comum que se critique um determinado pensamento a partir de seu conteúdo, a ideologia, mas que, antes, a questão é a da forma de pensar. «O pensamento já seria por si mesmo conforme a um modelo emprestado do aparelho de Estado, e que lhe fixaria objetivos e caminhos, condutos, canais, órgãos, todo um *organon*» (p. 43). As fôrmas de pensar em cada época e o quanto elas condicionam, de antemão, qualquer conteúdo, seria o objeto de estudo do que eles chamam de noologia. «Haveria, portanto uma imagem do pensamento que recobriria todo o pensamento, que constituiria o objeto especial de uma noologia’, e que seria como a forma-Estado desenvolvida no pensamento». (p. 43). Uma imagem do pensamento, uma forma-Estado no pensamento... Para além de lamentar o holocausto, é preciso verificar o quanto não se pensa como nazista, por exemplo, os microfascismos cotidianos: reproduzir fascismos na esfera individual, tão sutis, porém devastadores. Talvez seja preciso se perguntar o quanto não se está agindo no modo reproduzir-pensamentos-saberes/poderes sem perceber, modo único, fôrma única, todos iguais até aquele que se rebela contra o Estado, submisso à forma-Estado em seu pensamento. (Que perigo!). Na instauração de uma imagem do pensamento, o que está sendo capturado é o fora, ou seja, justamente a possibilidade de se pensar de outras maneiras. O fora é o impensado porque até o exato momento em que ele é pensado, ele era impensável. É o ato de pensar de outras maneiras que torna pensável o impensável, esse ato arriscado, esse ato que inaugura outros possíveis mundos, que só não tinham sido pensados ainda, porque ninguém havia agido para pensá-lo. «Pensar de outra voa», como eu já disse em outro lugar (Aspis, 2021).

Escapar a essa imagem do pensamento é dissidência, pensar de outras maneiras. Mas, como? Forjar, às marteladas, o pensar por si mesma. Pensar é mais do que pode a razão, pensar a partir daquilo que se quer deixar de ser. Os corpos racializados, subalternizados, violentados dentro de identidades úteis ao bom funcionamento do sistema de desigualdades, injustiça e destruição no qual vivemos, podem se tornar outros «através da recusa desse tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos» (Foucault, 1999, p. 239). Perseguir um pensamento sem imagem (Deleuze, 2006), que escape aos moldes da modernidade europeia, que ainda conforma a inteligência por aqui, abaixo da linha do Equador. Escapar ao hegemônico europeu colonizador, suposto universal, imparcial, objetivo e necessário! Ora, veja, a ideia de necessidade como a ideia de que há apenas uma forma de pensar para

se chegar à verdade, uma verdade, absoluta. «A» razão, «A» verdade, «A» Europa ...essa grande potência colonizadora, que destruiu tudo o que encontrou em nome da instauração da sua (suposta) civilidade, e seus (supostamente) universais critérios de legitimação do pensamento e dos modos de vida. É preciso inventar novas formas de pensar e novas linguagens que expressem e tenham força para afirmar os modos de viver dissidentes, os modos de sentir, amar e sofrer das minorias, seus modos de lidar com os becos sem saída, seus modos de inventar possíveis, diante da modelagem de seus corpos e da modulação de seus fluxos de desejo (isso, quando sobrevivem a todo tipo de violência e assassinato). Trans, negres, mulheres, homossexuais, indígenas, não-binaries, pessoas com deficiências, gordes, pessoas classificadas dentro de espectros de transtornos mentais, estranhos, todas as corpos a-normais.

Epistemologias dissidentes são sujas, porque têm um corpo, não são imparciais, neutras, assépticas como um *cogito* incorpóreo, são parciais, são sempre a visão de um olho, um determinado olho, que olha sob a perspectiva do seu corpo, suas experiências e experimentações. Toda perspectiva é sempre tão e somente uma perspectiva, limitada e finita, mesmo aquela que se quer universal e necessária. Contra a hegemonia do suposto universal pensamento europeu, o perspectivismo: só existe mundo para alguém e esse alguém é um corpo, tem pele e sente, pode sonhar, tem sua história e sua geografia, este é o nosso científico. As epistemologias dissidentes são, para além de criação de conhecimento intelectual, vida, pois são movimento de criação de si e de relações com outros, e assim criam mundos. Elas expressam os agenciamentos coletivos que enunciam outros mundos, na resistência aos processos de extermínio de captura do vivo da vida. São «potências diabólicas futuras» (Deleuze & Guattari, 1977, p. 28), que já estão em devir revolucionário.

Na academia neutralizante, pasteurizante, quase nada é vivo, há um sufocante sonho de pureza, sonho de objetividade, verdade, certeza: o mesmo. Suponha uma mulher negra, lésbica, periférica, que entra para a academia. Pergunto: qual o sentido de ser sistematicamente treinada para escrever como um homem branco heterocis europeu do século XVIII? Qual o sentido de ser orientada a procurar aporte teórico em bibliografia exclusivamente branca, europeia, para discutir e investigar os seus problemas tão americanos do sul? Desviaremos disso e vamos praticar as epistemologias dissidentes como heterologias.

Foucault (1999) nos aponta que, aos poucos, os conteúdos do pensamento não precisam mais ser censurados e banidos como não verdades, pois a imposição de uma forma única do pensamento se incumbe de excluir tudo aquilo que não cabe nesta forma. Com a criação das universidades, por exemplo, o enaltecimento e imposição do que é considerado científico e, portanto, verdadeiro, se dá antes na forma. Ele afirma já não ser mais necessária uma ortodoxia (*orthos* —reto, *doxa* —opinião, conteúdo do pensamento), já que ganha lugar uma ortologia (*orthos* —reto, *logos*, discurso organizado, pensamento). É neste sentido que arrisco aqui essa palavra heterologia (*hetero* —diferente, *logos*, discurso organizado, pensamento). Trata-se, portanto, de estar atento para a multiplicidade, para a infinidade de possibilidades de conexão que o pensamento pode fazer. Sendo

assim, como disse, o pensamento não se restringe ao funcionamento da razão.

Como conseguir construir, mesmo que na unha, possibilidades para a criação de heterologias na academia, outras escritas, maneiras próprias de expressão, maneiras genuínas de colocação de problemas, maneiras autênticas de metodologias, modos esses todos originais, que se originem no próprio pesquisadora? Eis aí o desafio dos corpos estranhos (os de fora, fora do centro, do padrão, do compasso, da normalidade).

Não, a racionalidade moderna não nos salvou, seu projeto falhou, não está tudo bem. É preciso descolonizar metodologias, descolonizar a academia, e, lembre-se, cuidado, o colonizadora pode ser você! A colonialidade pode ser já uma imagem do pensamento. O modo colonializado/colonizante pode ser o modo de funcionar do seu cérebro, do seu coração, dos seus olhos, suas mãos, toda a genitália. Movimentos descolonizantes são movimentos de despersonalização, explodir essa «pessoa» que se «é», quem está disposta?

Movimentos de descolonização, são movimentos de recriação de subjetividades, têm que ser inventados, doem, são políticos, são resistência.

E, sim, eles já estão acontecendo, são muitos, por todo lado. Para além da ideia de «A» revolução, ela também tão refém de um delírio de onipotência, não, não vamos mais acreditar na (universal) tomada de consciência do proletariado, para que haja mudanças em um sistema político-econômico no qual estamos inseridos e com o qual não concordamos.

A resistência termo a termo, binária, de oposição, com a intenção de trocar este mundo por um outro também único e também binário, não funcionou. Por mais que lutemos e esperemos o acúmulo para revolucionar tudo, revolver, pôr abaixo e instaurar outro, não, não funcionará, porque não é assim que funciona. Deleuze (1992) fala para Toni Negri «uma sociedade nos parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga [...] [e queremos considerar] as minorias de preferência às classes» (p. 212). Entender, portanto, também a sociedade na sua multiplicidade e mutabilidade constante, como um sistema que se diferencia de si mesmo no movimento de novas conexões, novos modos de pensar, novos modos e agir. Não, não é mais possível voltarmos para as senzalas, não vamos voltar para o armário, não vamos voltar para o fogão, linhas de fuga estão sendo traçadas e legiões de corpos estranhos as percorrem. Não precisamos esperar pela revolução, pois os devires revolucionários estão aí, suscitando acontecimentos que escapam ao controle.

## Referencias

Aspis, R. L. (2021). *Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa*. Mazza.

Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Editora 34.

Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. Graal.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1977). *Kafka. Por uma literatura menor*. Imago.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). 1227- Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra. In *Mil*

platôs: Vol. 5. *Capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34.

Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*. Martins Fontes.

Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população*. Martins Fontes.

Foucault, M. (2017, 11 de abril). A escrita de si. *Machine Deleuze*. <https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/11/michel-foucault-a-escrita-de-si/>

Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.

Lorde, A. (2020). *Sou sua irmã. Escritos reunidos e inéditos*. Ubu.

Mombaça, J. (2015, 7 de enero). Pode um cu mestiço falar? *Medium*. <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>

Nietzsche, F. (2003). *Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Relume Dumará.

Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da moral. Uma polêmica*. Companhia das Letras.

Rago, M. (2013). *A aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Unicamp.

Santos, L., & Motta, N. (1983). Como uma onda [Canção]. On *O último romântico*. Warner Music Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=JGEi1hxV-zA>